

O lugar do Sagrado

Trabalhando com psicoprofilaxia do parto com mulheres faveladas

Autora: Lúcia Lara, psicóloga formada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC, é membro da SOBAB e há 12 anos vem trabalhando junto à comunidades faveladas.

Trabalhar em clínica social, especialmente com populações faveladas pode provocar inúmeras interferências no campo transferencial. Num extremo podemos sentir o trabalho como algo vindo da extrema generosidade do nosso *mais* nobre coração, numa sensação narcísica e totalmente (re)produtora da exclusão e da falta de condição de cidadania dada pela sociedade a estas pessoas; no outro extremo nos encontrarmos paralizados com a violência do terror e a miséria da fome nos mais variados sentidos que a marginalização feita pelo social implica.

Em nenhum destes lugares (na onipotência ou na impotência) podemos de fato exercer a potência que um trabalho profilático pode ter.

Estes dois tipos de *splitting* "do outro" na verdade (re)produzem a violência com que nossa cultura lida com as diferenças.

Vivemos como se houvesse uma hierarquia de modos de ser que nos leva a alimentar a idéia ilusória de que é possível VIVER sem as turbulências do vivo, *splitando* a diferença e todo o mal estar causado por ela.

Criando um campo social em pânico a que Reich chamou de peste emocional.

Uma peste que percorre nossas subjetividades e que está presente até mesmo nos nossos modos de sonhar e de se apaixonar.

Trabalhar com psicoprofilaxia da gestação e do parto com mulheres faveladas tem sido para mim se lançar no desafio de recusar todos estes modos de encodificação preestabelecidos, todos estes modos de manipulação e telecomando, para construir modos novos de sensibilização, de relação com o outro, de criação que coincidam com um desejo, um gosto de viver, uma vontade de construir o mundo, com a instauração de dispositivos para mudar este tipo de sociedade, estes valores que possibilitam tratar as pessoas como se gente não fosse feita para ser feliz.

A gestação e o pós parto instauram uma crise, vivida concretamente no corpo das mulheres, que pela própria velocidade de desterritorializações e reconstruções de território que a maternidade implica, tornam este um momento privilegiado para relançarmos o ser em sua processualidade, desfazendo nódulos calcificados e criar condições para a invenção de possibilidades a partir de um processamento de suas diferenças e não de seu rechaço que são a condição da criação.

Construir um registro de *mutualidade*, de encontro profundo de todas nós, mulheres e mães só pode haver se encontrarmos um padrão de ressonância no campo transferencial.

Um lugar de brincar, de criação de um espaço potencial entre terapeuta e grupo que permita uma comunicação e uma confiança que será um registro fundamental para qualquer maternagem.

"Um espaço que poderíamos chamar de sagrado porque é somente a partir daí que se pode experimentar o viver criativo".

D. W. Winnicott

Nota: O texto completo do trabalho, de onde foi extraído este artigo, pode ser obtido junto à autora, através do e-mail: lucialar@hotmail.com

